

## REFERÊNCIA:

FERNANDES, J. Reich para além da Clínica: aplicação de princípios reichianos ao trabalho. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

---

1

## REICH PARA ALÉM DA CLÍNICA: APLICAÇÃO DE PRINCÍPIOS REICHIANOS AO TRABALHO

*Juvenal Fernandes*

### Introdução

O presente artigo trata de uma discussão parcial de valores reichianos e sua oposição a parâmetros do mundo globalizado, como uma compreensão para o mundo do trabalho.

Embora expressas na primeira metade do século XX, as idéias de Wilhelm Reich acerca do tema do trabalho, especialmente em sua obra “Psicologia de Massas do Fascismo” (1988), em verdade um tratado de psicologia política, podem ser consideradas oportunas e atuais, se as confrontamos com os resultados de pesquisas recentes.

Os novos processos de comunicação, a velocidade do avanço tecnológico, a automatização dos meios de produção e a queda de barreiras políticas, somadas à formação de novos blocos econômicos promoveram alterações tão radicais que revolucionaram o mundo e as relações de trabalho.

O homem moderno, vivendo num mundo globalizado, encontra dificuldade em dar sentido à vida se não for pelo trabalho. Trabalho atualmente significa necessidade e razão de vida, e, lugar comum, forma a identidade do indivíduo; a profissão caracteriza o seu ser; o indivíduo é a sua profissão. Com o trabalho, a pessoa constrói sua vida e estabelece um **status** na sociedade. (FERNANDES, 1994)

Do ponto de vista psicológico, o trabalho provoca diferentes graus de motivação, satisfação e efeitos para a saúde, principalmente na forma como é executado e em que condições é executado.

Sociedade, organizações e indivíduos modificam-se reciprocamente. O trabalho é elemento de mudança da sociedade. Esta, por sua vez, muda suas necessidades, seus valores e suas normas. Mudam as motivações sociais.

As organizações também mudam suas necessidades, seus valores e normas. Mudam as motivações organizacionais.

Com o crescimento e com a evolução dos indivíduos, suas necessidades, valores e normas também mudam.

O mundo do trabalho é, portanto, apesar da objetividade imposta pelo desenvolvimento tecnológico, subvertido pela subjetividade.

Conforme Barreto (1997), o princípio funcional de Reich nos permite conceber um ser humano integral, composto de razão, afeto e corpo, em oposição ao dualismo cartesiano reinante no pensamento ocidental.

Reich defende a possibilidade de uma cultura permissiva que respeite e favoreça as pulsões, em oposição ao patriarcado, que é concebido como uma estrutura autoritária que busca

## REFERÊNCIA:

2

FERNANDES, J. Reich para além da Clínica: aplicação de princípios reichianos ao trabalho. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

o domínio político e econômico a partir da repressão sexual. Tal estrutura opõe-se às funções do amor, do trabalho e do conhecimento.

Trata-se, portanto, de uma análise sobre o modo como se lida com o poder.

Em oposição ao mecanicismo, Reich postula um novo eixo ancorado na natureza. Para ele, o mecanicismo é a ideologia de nossa cultura, expressão da identificação do homem com a máquina, que vê partes e pensa que o todo é a soma dessas partes, enquanto que o todo é mais que isto, existindo organicamente. O mecanicismo gera o medo à liberdade, que leva à rigidez e à couraça do caráter.

A Democracia Natural do Trabalho é essa possibilidade de funcionamento, conforme Barreto (1997), “uma tentativa de reflexão sobre uma nova cultura que respeite a natureza humana, promovendo um Homem integrado entre razão e afetos, capaz, portanto, de assumir suas responsabilidades pessoais e sociais, dando vazão a novas formas de relações de poder não neuróticas”.

Reich analisa o trabalho tendo como cenário as transformações das condições sociais em todo o mundo, aceleradas pelas guerras mundiais, pressupondo que homens e mulheres devem se tornar conscientes da importância de cumprir o que ele chama de obrigação social de trabalho, em especial na tarefa de reconstrução do mundo, necessária após a segunda guerra mundial.

É neste momento, então, que Reich introduz os conceitos polares de democracia natural do trabalho e de democracia formal.

Para Reich (1988), a democracia do trabalho

é o processo natural do amor, do trabalho e do conhecimento, que governou, governa e continuará governando a economia e a vida social e cultural do homem, enquanto houver uma sociedade. É a soma de todas as funções da vida, governada pelas relações racionais interpessoais, que nasceram, cresceram e se desenvolveram de uma maneira natural e orgânica.

O que “esse processo da democracia do trabalho exige, onde quer que funcione, é que as ideologias e instituições sociais correspondam às necessidades naturais e relações humanas, como acontece no amor natural, no trabalho vitalmente necessário e na ciência natural”. “Ela não pode ser imposta às pessoas como um sistema político. Aqueles que desempenham um trabalho vitalmente necessário, ou estão conscientes de sua responsabilidade pelos processos sociais, ou essa consciência evolui organicamente, como uma árvore ou o corpo de um animal.” (REICH, 1988).

Wilhelm Reich tece um viés profundamente ecológico, pugnando pela recuperação de um vínculo entre a natureza e a cultura.

FERNANDES, J. Reich para além da Clínica: aplicação de princípios reichianos ao trabalho. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

Reich defende a autogestão livre da vida, relações orgânicas naturais, ações livres que naturalmente se coordenam na sociedade. Cooperação natural, responsabilidade e liberdades naturais, valores absolutamente sonhados e perseguidos por Reich.

A questão é: como propor um trabalho onde prevaleçam as funções naturais da vida, a auto-regulação, isto é, isento das perversões do poder?

Estas idéias foram semeadas na década de 30 do século passado. No século XXI, por outro lado, o mundo passa por transformações tão rápidas que, conforme disse alguém, a cada dia despertamos em um planeta diferente daquele em que adormecemos na noite anterior.

## **A globalização**

A globalização se converteu no problema de nosso tempo e não se trata de discutir se ela é boa ou má (STIGLITZ, 2002). É uma força poderosa que produziu enormes benefícios para muitos e grandes malefícios para outros tantos, impulsionando um ritmo forte de desenvolvimento na maioria dos setores da atividade humana.

Por globalização entende-se um sistema social econômico e político existente há alguns séculos e com dinâmicas aceleradas sobretudo a partir do século XX, que hoje assume feições de uma sociedade pós-industrial neoliberal avançada, tendo a sua expressão predominante em uma grande corporação desprovida de um centro produtivo ou uma sede local, e ramificada em diversos países.

A globalização se apóia na revolução informática, que, em seus efeitos sociais, é profundamente transformadora das relações do mundo do trabalho. Ela é o resultado de uma aliança entre o complexo industrial-militar, uma vez que os fenômenos militares são profundamente arraigados no processo econômico.

Massificação, autoritarismo nas regras sociais são os valores que se reproduzem e que se ampliam e também que alimentam o sistema econômico no panorama do mundo globalizado. Disputa por territórios, pelo poderio bélico, econômico. São valores profundamente entranhados na globalização, que se chocam com os valores da vida conforme enunciados por Reich.

A informatização faz com que a comunicação seja instantânea, abolindo as fronteiras, daí decorrendo também um mercado sem fronteiras.

Rifkin (1996) relata que existia a previsão de estarem em funcionamento, até a virada do século XX um bilhão de computadores. O autor afirma que diversos cientistas da computação anseiam pelo dia em que as máquinas ditas inteligentes serão suficientemente sofisticadas, desprezando, inclusive, a intervenção humana.

Catalisadas pela informatização, as decisões políticas e econômicas de maneira acelerada extrapolam as fronteiras nacionais.

## REFERÊNCIA:

4

FERNANDES, J. Reich para além da Clínica: aplicação de princípios reichianos ao trabalho. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

O processo civilizatório, desde a revolução industrial, persegue a lógica capitalista: competição, concentração da riqueza, tendo como meta principal o lucro. Tal lógica tem como consequência a exclusão. Pelo fenômeno do desemprego, cresce a marginalização dentro dos países periféricos, tornando as elites cada vez mais ricas e diminuindo os salários nos países periféricos.

Todos os tipos de assistência social estão sendo destruídos, como algo que não interessa a esse tipo de Estado. Nos países periféricos, o Estado não está interessado em investir nesse tipo de assistência. O principal objetivo dos estados é a guerra dos negócios, a ampliação das fontes de lucro e o aumento e a acumulação de riquezas.

Como resultado da velocidade e da multiplicação dos meios de comunicação, ocorre a massificação, e esta, por sua vez, gera o conformismo.

Desigualdade da qualidade de vida para os seres humanos, e também para os seres vivos como um todo.

Tais consequências seriam, numa percepção reichiana, a expressão de uma patologia da cultura patriarcal, que é caracterizada pela necessidade de ordenação da vida social.

Organização social massificante e autoritária, através do mecanismo da repressão, com a tendência a gerar morte, perdendo-se o contato com as funções vitais, capacidade esta que impede a instalação do processo de destruição.

Como seriam as consequências desse tipo de ordem na organização do trabalho num sentido mais específico?

## **A oposição autoritarismo x liberdade nas pesquisas sobre doenças ocupacionais**

As crises psíquicas aparecem como uma das mais importantes causas de concessão de auxílio-doença no Brasil. Isto é explicado, em parte, pelas situações de tensão vividas no trabalho e que se traduzem em doenças ocupacionais.

A relação da pessoa com o trabalho é subjetiva, mas tem efeitos concretos: Como ela se expressa? Nas doenças, no absentéismo ou mesmo no presenteísmo exagerado.

A escola francesa da psicodinâmica do trabalho (DEJOURS, 1994), ilustra muito bem como uma organização autoritária (a democracia formal do trabalho) tem consequências para a saúde do trabalhador.

Ela postula a existência de vias de descarga particulares a cada indivíduo. O prazer resulta da descarga de energia psíquica que o conteúdo do trabalho proporciona, o que resulta numa diminuição da carga psíquica. Neste caso, trata-se de um trabalho equilibrante.

Um trabalho livremente organizado oferece vias de descarga mais adaptadas às necessidades naturais, tornando-se um meio de relaxamento. Às vezes, quando a tarefa termina, a pessoa se sente melhor que antes de tê-la começado.

É o trabalho que reverte em proveito da auto-regulação.

Se a atividade de trabalho não permite a diminuição da carga psíquica, é considerado fatigante. Quando as vias de descarga estão impedidas, abre-se o caminho para a descompensação e para a somatização, dependendo da estrutura de cada trabalhador.

Numa organização do trabalho autoritária, ou quando não há mais arranjo possível pelo trabalhador, sua relação com a organização do trabalho fica bloqueada. A energia que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no organismo. Isto ocasiona um sentimento de desprazer e tensão.

Dejours diz que o trabalho se torna perigoso para o psiquismo quando ele se opõe à livre atividade do aparelho psíquico.

Em função da estrutura de cada pessoa, a sobrecarga psíquica pode ocasionar descompensação psiconeurótica ou somática, delírios ou uma alucinação, ou uma depressão.

Para Dejours (op. cit.), Não há uma solução geral para diminuir a carga psíquica do trabalho. Para transformar um trabalho que adocece em um trabalho equilibrante, é preciso flexibilizar a organização do trabalho. Com isto, permite-se ao trabalhador rearranjar seu jeito de fazer as coisas e encontrar os gestos que são capazes de lhe fornecer prazer, para expandir ou para diminuir sua carga psíquica de trabalho.

Quando não se puder liberalizar a organização do trabalho, precisa-se partir para uma reorientação profissional que leve em conta as aptidões do funcionário, as necessidades de sua estrutura, não de certas aptidões somente, mas de todas, se possível, uma vez que o pleno emprego das aptidões é uma condição de prazer no trabalho.

Tais medidas começam a ser levadas em conta em muitos programas de readaptação e de reabilitação profissional.

### **Possibilidades do ponto de vista reichiano**

Conforme Dejours (op.cit), o trabalho como um conceito não pode ser separado de uma teoria da sociedade. Acredito que as pesquisas em psicodinâmica do trabalho e ergonomia confirmam as premissas reichianas.

Para muitos autores, o momento crítico que a humanidade atravessa pode ser uma oportunidade de transformação, de purificação, de mobilização de energias que estão patologizadas, no sentido reichiano do DOR-OR, momento em que se é possível voltar a uma situação de energia primordial, com a finalidade da recuperação do poder para reorganizar as coisas.

O resgate deste momento passa pela necessidade de redirecionar nossa energia, de reavaliarmos nossa forma de pensar.

FERNANDES, J. Reich para além da Clínica: aplicação de princípios reichianos ao trabalho. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

---

Historicamente o trabalho é associado com tortura, sofrimento, pena, labuta, enfim, a algo negativo. Contudo, antes das civilizações greco-romanas, o trabalho era associado à criatividade, à promoção da autogestão social. O trabalho, como o temos hoje, é fruto de transformações culturais. (EISLER, 1980).

Se aprofundarmos em resultados de pesquisas etnográficas, veremos que o elemento da “penúria”, freqüentemente associado ao trabalho, não ocorre de modo geral em todas as culturas através dos tempos (CHAMOUX, 1994).

É necessário um investimento de crítica das ideologias, deixando de se pensar o trabalho como sofrimento e se fazer um trabalho educativo nesse sentido.

Conforme Eisler (op. cit.), tais considerações nos levam a uma distinção crítica entre dois tipos de hierarquia inteiramente diversos, distinção esta que não é feita no uso lingüístico convencional. Como é utilizado pela autora, o termo hierarquia refere-se a sistemas de supremacia baseados na força ou na ameaça de força. Estas hierarquias de dominação são bem diferentes de um segundo tipo de hierarquia, o qual se propõe seja chamado hierarquias de realização. Estas são as hierarquias familiares de sistemas dentro de sistemas, por exemplo, de moléculas, células e órgãos do corpo: progressão rumo a um nível superior, mais complexo e evoluído de função. Em contraste, como podemos ver à nossa volta, as hierarquias de dominação caracteristicamente inibem a realização de funções mais elevadas, não só no sistema social como um todo, mas também no indivíduo.

Nada mais “romântico”, “roussonian”, reichiano, portanto.

Evocando Reich, urge a coragem de desorganizar, de autorizar a mudança de uma maneira pedagógica, terapêutica.

As medidas pedagógicas, ou terapêuticas, sugeridas por Eisler, incluem:

- Reexame do modo como definimos o poder. Navarro (1995), observa como a chamada necessidade de controlar e dominar outrem representa psicologicamente uma função não de uma sensação de poder, mas, ao contrário, de uma sensação de impotência.

- Investigação de outras alternativas de perceber e utilizar o poder; o poder como cooperação. A visão do vencedor-vencedor, um meio de progressão do próprio desenvolvimento sem ser preciso limitar o desenvolvimento dos outros. Repensar o político como circulação do poder de cada pessoa.

- Não assumindo a tecnologia ou a economia como os determinantes básicos de nosso futuro. Reconhecendo, ao contrário, que nosso caminho para o futuro será moldado por valores humanos e ajustes sociais; nosso futuro será determinado primordialmente pela forma como nós,

## REFERÊNCIA:

7

FERNANDES, J. Reich para além da Clínica: aplicação de princípios reichianos ao trabalho. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz de Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

seres humanos, concebemos nossas possibilidades, potenciais e implicações. Nossos esquemas mentais são o programa básico de ação desse futuro.

- Deixando para trás os valores rígidos, orientados para a conquista. A necessidade de um espírito de verdadeira cooperação global, moldada na livre parceria, um equilíbrio do individualismo com amor, e o objetivo normativo de harmonia, em vez de conquista da natureza.

Acredito que tais princípios, expressos por autores e escolas diferentes, têm muito em comum e complementam as idéias de Wilhelm Reich em sua "Psicologia de Massas do Fascismo", e trazem uma contribuição de primeira ordem na abordagem das organizações. Tais premissas são importantes para o questionamento dos processos de tomada de decisão, no delineamento de políticas e no gerenciamento de pessoal.

=====

## REFERÊNCIAS

BARRETO, A.V.V. **Em busca de Eros: a "democracia natural do trabalho" e a relação entre poder e afetividade no pensamento de Wilhelm Reich.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas: 1997

CHAMOUX, M-N. **Societés avec et sans concept de travail in Sociologie du Travail.** XXXVI. Hors série. Paris: CNRS, 1994.

EISLER, R. **O cálice e a espada.** São Paulo: Cultrix Ed., 1980.

FERNANDES, J. **A relação superior-subordinado e alinhamento ideológico político.** Dissertação de mestrado. UnB: 1994

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica.** São Paulo: Summus, 1994.

OLIVEIRA, C. R. **História do Trabalho.** São Paulo: Ed. Ática, 1987.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RIFKIN, J. **The end of work: The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era** (1995)

STIGLITZ, J. E. **El malestar em la globalización.** Buenos Aires: Taurus, 2002.

=====

**Juvenal Fernandes**

**Cidade:** Brasília/DF – Brasil

**E-mail:** jucaf@brturbo.com